

15 de agosto de 2001

Continuação da discussão sobre o livro *The Unconscious. A Conceptual Analysis*, de Alasdair MacIntyre. Iniciou-se a sua exposição pelo capítulo II, onde o autor discute a predominância de metáforas espaciais na caracterização que Freud faz do inconsciente. O inconsciente é o reino das memórias e emoções reprimidas. Essas memórias e emoções estariam vinculadas a certas “unidades discretas da vida mental”, que MacIntyre, seguindo a tradição da tradução inglesa da obra de Freud, deriva da noção de “idéia”. O autor atribui sua origem a Herbart e a Brentano, que, por sua vez, a teriam derivado dos empiristas ingleses; em particular, de Locke. Tal tipo de caracterização, segundo o autor, teria levado Freud a uma nova tentativa de localizar, não propriamente o fisiológico, do qual ele era crítico, mas a mente, como o espaço onde as “idéias” circulam.

Desta caracterização do inconsciente, advém uma tensão entre um uso descritivo do termo, quando Freud utiliza-o de forma adverbial ou adjetiva, e um uso explicativo, quando o usa de forma substantiva. Uma conseqüência de conceber uma imagem substancial da mente inconsciente é vê-la como um lugar ou um reino habitado por entidades não-físicas: as “idéias”. As idéias inconscientes não são, portanto, passíveis de observação empírica. Entretanto, este não é um problema, senão para uma ingenuidade positivista que queira eliminar da ciência os inobserváveis. Muitos conceitos científicos referem-se a inobserváveis, como o gene e o elétron. Metodologicamente, o que se requer é que tais postulados teóricos, constituídos com o fito de explicar as regularidades observáveis, acarretem por seu turno novos enunciados observáveis que possam ser testados e confirmados empiricamente. Neste sentido, o que é crucial acerca da teoria freudiana é decidir se o conceito de inconsciente possui um estatuto lógico similar aos conceitos de elétron e de gene e funciona como uma noção de grande poder explanatório, ou se é como o conceito de éter, sem conseqüências observáveis e teoricamente espúrias.

Chama-se a atenção para o que, em sua opinião, seria o nó da concepção do inconsciente como um “lugar”. Postular um lugar da mente para o inconsciente seria uma solução que Freud deu para a questão da temporalidade. Ele concebeu o inconsciente como um sítio de onde poderiam ser recuperadas as memórias de eventos passados. O inconsciente foi substancializado na medida em que houve uma espacialização do tempo. Para explicar a proposição, a histórica sofre de reminiscências, para resolver o problema da época de constituição dessas memórias, Freud concebe o inconsciente como o lugar que ordena essas memórias. Assim, foram necessidades internas da teoria que teriam conduzido Freud a substancializar o inconsciente. Uma mudança pura e simples para a forma adjetiva e adverbial só resolveria o problema se fosse encontrada uma outra maneira de ordenar temporalmente as memórias.

Em seguida, o grupo discutiu se o dualismo apontado por MacIntyre corresponderia mais à divisão entre *Geistes-* e *Naturwissenschaft* que ao problema da confusão gramatical indicada por Wittgenstein. Para Wittgenstein, trata-se de esclarecer uma confusão advinda da pergunta *por quê?* Diante desta pergunta, podemos dar tanto explicações causais como descrever motivos ou razões. Se perguntarmos por que Raskolnikov atirou no Czar, teremos uma exposição de motivos, e se fizermos exatamente a mesma pergunta com relação ao vidro quebrado da janela, teremos uma explicação causal. Em Freud, tem-se uma confusão deste tipo, onde regras de

distintos jogos de linguagem se colapsam dentro de um mesmo território lingüístico. À pergunta *por quê?* são dadas respostas como intenções, motivos e propósitos ao mesmo tempo que são introduzidos termos fisiológicos e condições psicológicas previamente determinantes. Haveria em MacIntyre, no entanto, o propósito de fugir da dicotomia, mais do que apenas esclarecer a confusão e salvar a teoria freudiana no âmbito das descrições e das regras e não das leis deterministas. A pergunta seria se a psicanálise estaria no espaço próprio das ciências do espírito ou se ela seria somente uma antologia de descrições novelísticas.

Havendo terminado o tempo de discussão sem que ainda tivesse sido esgotado o livro de MacIntyre, ficou decidido que no próximo encontro, ainda se discutiria o tema da intencionalidade e da relação entre teoria e terapia, de modo a finalizar a discussão sobre este estudo.